

Die Moderne wird mit dem Mittelalter verglichen; es kommen neue Tendenzen zum Vorschein. Damals Satz des Hl. Augustin:
"Deum atque animam cognoscere cupisco, Nihil plus? Nihil"
"Gott und die Seele versuche ich kennen zu lernen, Nichts mehr? Nichts"
Neue Interessen kommen auf: Geschichte und Natur, doch Interesse an Gott und Seele ^{ist} nicht ^{so} wach. Die Moderne ist eine Überholung des Mittelalters.

Die Moderne stellt den Menschen der Natur entgegen. Die Werke der Moderne sagen uns nichts mehr. Heute wird anders als damals philosophiert: in Form von Romanen, Essays, Theater. Die Themen sind das Dasein und die Bedeutung: der Tod und die Sprache; Existenzialismus und Neopositivismus (im Mittelalter Mystik und formale Scholastik) Glaube und verzweifelter Glaube. Joyce und Kafka. Kirchen und Volksmusik und ~~erst~~ ^{erst} intellektuell artikulier. Elektronische Musik heute. Kasperl. Die Moderne scheint ~~heute~~ ^{heute} ~~schon~~ ^{schon} ~~fast~~ ^{fast} nicht flastig herauszudrücken. Wissenschaft und ^{moderne} Technologie ~~haben~~ ^{haben} ~~noch~~ ^{noch} keine Überholung der Wissenschaft & Technologie. Trotz scheinbarem Tod unserer Zivilisation müssen wir uns ganz auf sie engagieren. Die Geschichte erneuert sich meistens von der Peripherie aus. Wird unsere Zivilisation überleben?

VILÉM FLUSSER

Na última aula procurei defender a tese que uma sutil mudança no clima da nossa civilização permite prever, com todas as reservas, uma tendência renovadora comparável de maneira muito aproximada com os fenômenos que caracterizam a Idade Média tardia. O meu propósito hoje será a tentativa de precisar um pouco mais detalhadamente essa mudança. Reside ela, a meu ver, numa transferência de interesse. O século 13 e quatorze, que evoquei como paralelo na última sexta-feira, demonstra como uma tal transferência pode dar-se. A Idade Média toda pode ser compreendida como uma realização progressiva do tema proposto pela seguinte frase de Agostinho: "Deum atque animam cognoscere cupisco. Nihilne plus? Nihil". (Deus e a alma procuro ardentemente conhecer. Nada mais? Nada). Na época que tenho em mente começaram a delinear-se novos territórios de interesse. Poderemos reunir esses territórios novos sob dois títulos: história e natureza. Isto não significa que desde já e abruptamente tenha perdido Deus e a alma o fascínio que exerciam sobre as mentes do Ocidente. Pelo contrário, às gerações da Idade Média tardia deve ter parecido como se o interesse pela história e pela natureza fosse apenas mais um aspecto da preocupação com Deus e com a alma. Mas, pouco a pouco, os novos territórios vinham adquirindo uma importância inteiramente desligada da atitude medieval, e absorviam o pensamento ocidental quase que exclusivamente. O resultado era aquilo que chamamos "mentalidade moderna". O processo de transformação era vagoroso, e não houve uma reviravolta espectacular a marcar o surgir de uma idade nova. A preocupação com Deus e com a alma nunca deixou de figurar no pensamento ocidental, mas ocupava um lugar de muito menor destaque. Esse deslocamento do problema tinha por consequência uma modificação no próprio problema. Os próprios conceitos "Deus" e "alma", sofreram, em virtude desse deslocamento, uma modificação de significado na Idade moderna. Devemos dizer, portanto, que a idade moderna não era um cancelamento da medieval, mas uma superação no sentido hegeliano. Se digo que existem sintomas que parecem indicar o fim da idade moderna, tenho este tipo de superação em mente.

O centro de interesse da Idade moderna pode ser caracterizado pelo termo: o homem em face da natureza. O problema que preocupa centralmente o pensamento ocidental durante essa época é a relação entre a coisa pensante e as coisas extensas, para falarmos cartesianamente. Sei que estou simplificando barbaramente ao formular o problema tão resumidamente, mas essa simplificação serve para a meta que tenho em mente. Como podem observar os senhores, há uma transmutação total de valores na atitude moderna, se comparada com a medieval, uma transmutação incriveis, se a história não a atestasse. Para o pensamento medieval era a preocupação com as coisas extensas no máximo um meio para alcançar um fim transcendente, mas muito provavelmente era uma pura perda de tempo. De que adianta ganhar-se o mundo das coisas extensas, se se perdesse a alma? Para a idade moderna as coisas extensas eram a meta. E nas coisas extensas que o homem se realizava. E neste ponto fundamental que me parece que não somos mais modernos. A preocupação com as coisas extensas como meta parece nos absurda. Não nos dizem mais respeito os valores modernos. Não é o caso de não mais admitirmos esses valores, mas sentimos como que uma lacuna no topo da sua hierarquia. E essa procura por valores mais altos a darem significado aos valores subalternos da Idade moderna é, aquilo que chamei de "mudança de clima".

É no campo da filosofia que se manifesta essa mudança com a maior antecedência e com a maior clareza. Podemos sentir essa mudança na própria maneira de se filosofar, e não somente da temática da filosofia. Durante a Idade moderna propriamente dita era a filosofia uma disciplina rigorosa, pelo menos em tese. Os filósofos podiam diferenciar-se entre si tão radicalmente quanto Descartes de Locke ou quanto Leibnitz de Conte, sempre era óbvio que o que faziam era filosofia. Tratavam metodicamente de um certo número de problemas. Veremos mais tarde de que tipo de problemas se tratava. Mas ultimamente tem surgido obras que não se enquadram no método filosófico, mas são, não obstante, filosofia. Reparem por exemplo na maneira como Kierkegaard escreve. É uma mistura de jornalismo, ficção e teologia. Ou reparem nos livros de Nietzsche, que são algo entre poesia e coleção de aforismos. Ultimamente essa diluição de forma na atividade filosófica tem-se acentuado: Camus formula a sua filosofia em romances, Sartre em peças de teatro, Ortega em pequenas obrinhas aparentemente desconexas. Não se diga que sempre existiam romancistas e teatrologos que exprimiam uma filosofia. O

VILÉM FLUSSER

fenômeno atual e diverso. Camus não é um romancista que exprime uma filosofia, mas um filósofo que recorre ao romance como método de pesquisa. Isto quanto à forma.

A temática da filosofia está sofrendo uma modificação da qual não creio que nos estamos dando conta suficientemente. Quando digo modificação, deveria ter dito bifurcação, de maneira que não podemos mais falar em uma filosofia do Ocidente, mas de duas. Tão distantes estão, já atualmente, essas duas temáticas, que não se reconhecem, uma à outra, como filosofia. Se devo continuar com a simplificação a qual me estou dedicando hoje, direi que o tema central de uma dessas tendências é o absurdo, e o tema da outra é o significado. Como vêm os senhores, ambas as tendências da filosofia atual desviaram a sua atenção das coisas externas, embora estas continuem a figurar no conjunto do seu pensamento. A primeira, que caracterizei pelo termo geral "existencialismo", fixa os seus olhos sobre a morte. A morte era um tempo o ponto de partida de todo pensamento, e a meta de todos os valores. O fato da morte é responsável pela absurdidade que caracteriza tudo. No confronto da morte reside a autenticidade da existência. Os valores são valores a despeito da morte. Como podem observar os senhores, trata-se de uma temática que é tudo menos moderna. A outra tendência fixa a sua atenção sobre a língua. Chamarei essa tendência, grosso modo, de "neo positivismo". O tema exclusivo da filosofia é a língua, não por alguma escolha de tema, mas por imposição da própria estrutura do pensamento. A filosofia é, por essa imposição, a procura do significado das frases. Reduz-se portanto a filosofia a uma mera disciplina formal, muito mais próxima da gramática ou da matemática, que da construção de cosmovisões que caracterizava a Idade moderna.

Notarão os senhores as semelhanças mais que acidentais que caracterizam ambas as tendências atuais, se as comparamos com a filosofia medieval. Com efeito, a filosofia atual é muito mais medieval que moderna. O existencialismo é semelhante com certas tendências místicas, o neo positivismo com certa escolástica formal. Mas há uma enorme diferença. O pensamento medieval é inspirado pela fé, o pensamento atual procura uma fé com desespero. Por cima do pensamento medieval paira Deus, por cima do nosso paira o nada. Se formos a aplicar categorias medievais à atualidade, devemos dizer que a nossa época é maniqueísta. O princípio aniquilador, o nada nadificante, em breve o diabo, inspira a nossa filosofia. Tudo isto é obviamente anti-moderno. Mas, ao lado desse tipo de pensamento, continuam a florescer os diversos ismos modernos, como o kantianismo, o hegelianismo, o marxismo. Tem, entretanto, já agora, um leve aroma arcaico, porque pela sua própria temática já não nos prendem inteiramente o nosso interesse.

É muito possível que a cena atual da filosofia não passa de um primeiro estágio rudimentar e primitivo, de toda uma nova maneira do pensamento. Já disse, na última aula, como são relativos os termos "decadência" e progresso". Do ponto de vista da idade moderna são os nossos filósofos atuais decadentes. Se o Ocidente for devorado pelas demais sociedades, a história dará razão a esse ponto de vista. Existencialismo e neo-positivismo serão realmente manifestações de uma civilização decadente. Mas se o Ocidente conseguir sobreviver, essas duas tendências serão muito provavelmente consideradas, por historiadores futuros, como precursoras primitivas e confusas de uma era nova.

Interrompo aqui o argumento, para submeter aos senhores a consideração seguinte: a crise na qual a nossa civilização se combate há várias dezenas de anos tem uma multiplicidade de aspectos e é refletida, portanto, em uma multiplicidade de camadas de literatura. Essa crise se apresenta, por exemplo, como simples ocaso da sociedade burguesa, ou como derrota da chamada raça branca, ou como enfraquecimento da Europa, ou como ameaça da bomba. Há dezenas de anos portanto abundam profecias quiliásticas em todos os níveis imediatamente abaixo do nível da filosofia. É a última luta que se aproxima, de acordo com o hino da Internacional, ou é Spengler, ou Keyserling, ou são fitas como "on the beach", ou invasões por marcianos, ou pires voadores. Aos últimos tem dedicado Jung um estudo fascinante. Quero deixar bem claro que as minhas considerações, embora tenham nascido do mesmo clima fin de siècle que caracteriza essas profecias, nada têm com elas em comum exceto o clima. Não sou daqueles que esperam por uma catástrofe a por fim ao curso da história, seja em forma da sociedade comunista, seja em forma da perigo amarelo, seja em forma da cinza radioativa. Acredito com Elliot que: "This is the way the world ends, not with a bang, but with a whimper".

Digo isto apenas como esclarecimento e para evitar malentendidos.

VILÉM FLUSSER

A transferência de interesse, que procurei diagnosticar na filosofia, aparece igualmente em outras manifestações da civilização da atualidade. Trata-se, em todos os casos, de um deslocamento da problemática, tal como foi proposta pela Idade moderna. Dou como primeiro exemplo o romance. É uma forma típica de arte épica daquela idade. O romance é um fenómeno tipicamente moderno. Parece que estamos atualmente assistindo à morte do romance. Essa morte é um acontecimento gradativo. Começou com o desaparecimento do chamado "herói" no romance, que foi substituído primeiro pelo anti-herói, e depois por nada. Devagar o enredo do romance tornou-se desinteressante, e foi a linguagem que se tornou o centro do interesse. O golpe mortal foi desferido contra o romance de dois lados opostos, por Joyce e por Kafka. Joyce transformou o romance em pura atividade linguística, e Kafka em algo eminentemente anti-épico, embora não possamos ainda precisar em que reside a revolução kafkiana. É fácil ver que a atividade joyciana tem relação com o novo positivismo, e Kafka com o existencialismo. Fenômenos mais recentes como Robe Grillet e Guimarães Rosa mostram em que direção o romance tende a ser superado. Creio que o romance é um belo exemplo do fim da Idade moderna.

Muito mais empolgante é o meu segundo exemplo. A Idade moderna pode ser definida como a época em que a música se tornou a expressão máxima do Ocidente. Na Idade média era a música, como em todas as demais civilizações que conhecemos, uma arte aplicada. Existiam com efeito duas músicas: a sacra e a profana. A música sacra fazia parte do ritual religioso e era serva da reza. A música profana articulava a festividade popular, e, nas mãos da aristocracia, adquiriu uma perfeição maravilhosa como acompanhamento da poesia. Especialmente na Provença e no sul da Alemanha esse tipo de música florescia. Mas tudo isto não representa a música absoluta que caracteriza a Idade moderna. Esta surgiu no renascimento. Não cabe aqui analisar as razões existenciais dessa transformação da música no renascimento. Sem dúvida tem esse fenómeno a ver com a coisa pensante cartesiana. A música tornou-se intelecto articulado imediatamente. Schopenhauer elaborou esse aspecto da música de maneira convincente. A música é, a meu ver, a expressão máxima daquele tipo de humanismo que caracteriza a Idade moderna. Pois bem, parece que a música está à morte. Os últimos compositores no sentido moderno do termo ou estão velhos, ou morreram. Estão sendo empreendidas tentativas de renovar a música desde as suas bases. Estão sendo construídos novos sistemas musicais, e estão sendo estudados cientificamente os primeiros compositores modernos. Cinquenta anos atrás foi redescoberta a música barroca, e atualmente esta a música do renascimento em voga. Tudo isto é sinal de doença. Também é de mau agúrio o florescimento canceroso da música nos lares. Discutimos política ao som da nona sinfonia. E está surgindo algo de novo. Não me refiro tão somente à música eletrônica, mas também a fenómenos ainda mais desconcertantes, (o termo é muito apropriado), como as tentativas de musicalizar a poesia. Já a música eletrônica é uma quebra total com a tradição da Idade moderna. Para essa Idade era essencial a interpretação da música, e essa interpretação impôs limitações determinadas pelos instrumentos. A música eletrônica elimina instrumentos e executantes. Nela o compositor entra em contato direto com o ouvinte. É óbvio que se trata de uma arte radicalmente nova, e radicalmente oposta à mentalidade moderna. Mas a tentativa dos chamados poetas concretos é ainda mais empolgante, pelo menos em teoria. Tratam esses pioneiros de borrar os limites entre as artes plásticas e a música de uma maneira totalmente imprevista. Embora não possa dizer que os resultados sejam impressionantes, é inegável que algo inteiramente novo está despertando. Tão novo, com efeito, e tão aparentemente cerebrino, quanto o foram os madrigais do renascimento. E não devemos esquecer que esses madrigalistas super-cerebrinos e aparentemente inautênticos e decadentes, resultaram, ultimamente em Mozart e Schubert.

Como último exemplo dou a pintura. Essa forma de articulação me parece ter sido a menos característica da Idade moderna, a despeito da glória que rodeia a pintura italiana e alemã do renascimento, a pintura espanhola e holandesa do barroco, e a pintura francesa do século 19. O espírito moderno parece estruturalmente alheio à possibilidade de articular-se plasticamente. Nenhuma das realizações modernas pode comparar-se, em impacto existencial, com os vitrais das catedrais, ou com os ícones. Pelo menos assim nos parece do nosso ponto de vista já não mais moderno. A revolução que se processa atualmente

VILÉM FLUSSER

na pintura pressagia um desenvolvimento diferente. Foram descobertas, pela primeira vez na história do Ocidente, as cores e as formas. Os senhores conhecem a impressão violenta que nos causa uma exposição como a bienal, e não preciso perder palavras para descrevê-la. Neste ponto do argumento quero lembrar que o que disse da pintura, refere-se com igual força a todas as articulações plásticas do Ocidente. A Idade moderna era, neste sentido, uma época pobre. Inautêntica, se podemos aplicar um termo tão pejorativo a uma época toda. O renascimento e, como estilo, um amontoado de inautenticidade. O barroco é um renascimento mais evoluído. O rococó e o empire são barrocos decadentes. E quanto menos se fala do estilo do século 19, tanto melhor para ele. Mas nós, pela primeira vez desde a gótica, temos um estilo que pode ser vivenciado autenticamente. Com efeito, os nossos edifícios mais se parecem com catedrais góticas que com outros tipos de construção posteriores. Mas não é só isto. Prova da nossa autenticidade em estilo é o fato que ele pervade tudo. As nossas latas de sardinhas e os nossos automóveis são mardados pelo mesmo estilo do edifícios e das auto estradas. Comparem isto com outras idades, quando os tinteiros eram góticos, as cadeiras romanas e os vestidos gregos. Se formos julgar a Idade moderna pelo seu estilo plástico, não nos desperatara demasiada simpatia.

Os exemplos, poucos e esboçados, que dei da filosofia, da literatura e da arte devem bastar para a minha finalidade. Um espírito novo está se mexendo em todas as províncias da nossa atividade criadora. É este fato que me dá uma espécie de justificativa para o meu otimismo. Mas é óbvio que estes sintomas por si só não bastam. No centro de interesse da Idade moderna está a ciência e a tecnologia, como expressão máxima do problema: homem em face da natureza. É uma atitude de reinterpretação dessas duas disciplinas que deve marcar uma superação da Idade moderna. Não basta a gradativa perda de interesse existencial nessas duas atividades. Essa perda, por si só, seria apenas uma fuga. É preciso que venha algo a preencher a lacuna que essa perda de interesse abrirá nas nossas mentes. E é preciso, simultaneamente, que a ciência e a tecnologia sejam incorporadas na nova época tão seguramente, quanto o foi o pensamento medieval na Idade moderna. Por ora não vejo sintomas de uma superação da ciência e da tecnologia neste sentido. Nesse fascínio que ambas exercem sobre nós, acompanhado de uma profunda decepção, nessa combinação nefasta reside, a meu ver, o maior perigo. Neste ponto, confesso, a minha capacidade "profética" me abandona.

Resumo o meu argumento como segue: Fazemos parte de uma civilização cansada e ameaçada. A história julgara se merecemos sobreviver como sociedade, ou se seremos varridos da face da terra. Felizmente é a história que julgara e não nós mesmos. Isto não é o nosso dever, felizmente. Cito, neste contexto, uma famosa frase: "Ich danke Gott am Abend und am Morgen, dass ich nicht muss um das Heilige Roemsche Reich mich sorgen". (Agradeço a Deus de noite e de manhã, que não preciso preocuparme como o santo império romano). Se queremos apreender algo do pensamento existencial, é o conceito do "a despeito de tudo". A despeito da morte devemos procurar realizar nos, E a despeito de uma morte possivelmente iminente da nossa civilização, devemos empenhar nos plenamente nela. Creio que os exemplos que procurei dar aos senhores mostram a multiplicidade de realizações que essa nossa civilização cansada e ameaçada nos oferece. Não posso compreender portanto pensadores como Vicente Ferreira da Silva que consideram essa civilização um projeto fechado. Pelo contrário, a mim me parece ser um projeto que, justamente por estar em crise, se abre em todas as direções e convida a nossa atividade. E isto se dá especialmente no Brasil, nessa situação de limite tanto geográfica como espiritual, dentro da qual fomos lançados.

A história nos ensina que civilizações ameaçadas se renovam, geralmente, da periferia. Foi na Inglaterra e em Flndres que a Idade moderna superou o pensamento medieval; embora o impulso da renovação tenha saído da Toscana. Assim também poderá ser aqui que será superada a Idade moderna, embora o impulso venha da Inglaterra, da Alemanha e da França. Também para esta afirmativa abundam sintomas. Os senhores os conhecem pelo menos tão bem quanto eu. É um desafio e uma aventura estar aqui agora. Essa sensação quero transmitir aos senhores.

Não estou advogando, obviamente, um otimismo berrante. Como não sou partidário

VILÉM FLUSSER

dos profetas do ocaso, sou ainda menos daqueles que crêm na necessidade prede-terminada do progresso. Creio, pelo contrário, ser superada essa mentalidade. Mas não crer no progresso automático, é justamente a verdadeira resolução para a aventura. Saber que tudo que faço está sempre ameaçado de derrota, não somente individual, pela morte, mas também coletiva, isto dá justamente sabor a tudo que fazemos. Com essa resolução para a morte individual e coletiva desafiemos, creio, o maniqueísmo que caracteriza o nosso tempo. E com este brado de guerra contra o diabo, um brado de guerra que, confesso, tem algo em comum com o asso-
bier na floresta, encerro este argumento.